

**DESEJO DE BRANCURA, INSURGÊNCIA E CONTROLE DA NARRATIVA:
Fotografia Preta na pesquisa em educação**

*DESIRE FOR WHITENESS, INSURGENCE AND NARRATIVE CONTROL: Black Photography in
education research*

Alisson Ferreira Batista¹

Carla Beatriz Meinerz²

RESUMO: O artigo fundamenta o termo *Fotografia Preta*, definido como método de produção de dados e conteúdo educativo na formação docente. O texto é resultado de uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de abordagem qualitativa, que visou promover uma interação dialógica por meio da fotografia, no intuito de debater o desejo de brancura em sociedades colonizadas e racializadas. Inspira-se na categoria *denegrir*, capaz de associar forma e conteúdo no fazer investigativo. Destaca-se a categoria humanidade, contraposta à experiência do racismo no Brasil, por meio da qual se demarca a perspectiva ética e emancipatória das lutas do movimento negro e das pessoas negras em ações similares. Ampara-se no projeto político e pedagógico oficializado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Conclui-se que a *fotografia preta*, uma imagem desestabilizadora, pode gerar reflexão acerca da negritude, seja pela afirmação da própria identidade negra, como pela constatação dos abismos que, historicamente erodidos, distanciam-na do desejado e defeituoso mundo branco.

Palavras-chave: Fotografia. Negritude. Desejo de Brancura. Educação das Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT: The article supports the term Black Photography, defined as a method of data production and educational content in teacher training. The text is the result of a master's research in the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), with a qualitative approach, which aimed to promote a dialogic interaction through photography, in order to debate the desire for whiteness in colonized and racialized societies. It is inspired by the denigration category, capable of associating form and content in investigative work. The category humanity stands out, as opposed to the experience of racism in Brazil, through which the ethical and emancipatory perspective of the struggles of the black movement and black people in similar actions is demarcated. It is supported by the political and pedagogical project made official in the National Curriculum Guidelines for Education in Ethnic-Racial Relations. It is concluded that black photography, a destabilizing image, can generate a reflection on blackness,

¹ Alisson Ferreira Batista é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social. Email: alissonbk@gmail.com ORCID: 0000-0003-0071-7979

² Carla Beatriz Meinerz é docente no Departamento de Ensino e Currículo e no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, pesquisa e colabora em ações de ensino e extensão vinculadas à Educação Antirracista, Encontro de Saberes, Quilombismo e saberes emancipatórios construídos nos movimentos sociais. Email: carlameinerz@gmail.com ORCID: 0000-0002-9270-8705



either through the rescue of black identity itself, or through the observation of the abysses that, historically eroded, distance it from the desired and defective white world.

Keywords: Photography. Blackness. Desire for Whiteness. Education of Ethnic-Racial Relations.

1. INTRODUÇÃO: *FOTOGRAFIA PRETA* NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A rápida alternância entre imagens torna impossível fechar os olhos. Este pressupõe um demorar-se contemplativo. As imagens, hoje, são construídas de tal modo que não é mais possível fechar os olhos. Ocorre um contato imediato entre elas e o olho, que não permite nenhuma distância contemplativa. (HAN, 2021, p. 16).

Nossa reflexão pretende tornar possível o ato contemplativo de fechar os olhos e dialogar sobre imagens construídas para a reflexão acerca das relações raciais no projeto humanitário que permanece hegemônico, pautado pelo desejo de brancura e pela destituição do jeito de viver negro. O tempo da contemplação e do diálogo é o tempo das relações propostas pelo protagonismo negro insurgente.

O presente texto resulta de uma escrita conjunta, entre um mestrando negro, protagonista criador do processo investigativo, e sua orientanda branca, colaboradora no desenvolvimento do estudo dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realiza-se a partir de uma experiência de pesquisa que reafirma o controle da narrativa negra sobre as relações raciais e a formação docente, a partir da fotografia como uma espécie de disparador metodológico. Para fins da escrita e da pesquisa, nomeia-se *Fotografia Preta* o processo de criação ancorada num tripé político-ético-estético singular. Político, pois o produto não é fruto exclusivamente de uma manifestação existencial, mas está intimamente ligado ao mundo; ético no sentido de não ferir outros indivíduos e estar atento ao que as manifestações coletivas dizem; estético, porque tem o compromisso em forjar outras formas de existência negra. Tal arcabouço sustenta a cunhada *Fotografia Preta*, não como uma subcategoria de fotografia hegemônica, mas sim como um conceito que provincializa a noção universal de fotografia e, principalmente, configura-se como instrumento para narrativas capazes de forjar uma humanidade possível para a existência negra. Evidentemente, existem expressões negras na fotografia, mas aqui se propõe *Fotografia Preta* como uma epistemologia que só é possível de atingir no instante que se enxerga o negro como vida e não como tema (RAMOS, 1995). Expressões negras na fotografia, com trajetórias artísticas consolidadas, como Irene Santos e Januário Garcia, são referências

importantes que indicam o fato de a presente pesquisa estar situada num tempo e espaço próprios, estabelecendo vínculos com a Educação das Relações Étnico-Raciais. No Brasil temos acesso pelas mídias sociais de significativas expressões negras no cenário nacional da fotografia, revelando olhares singulares em distintas partes do país. Reiteramos que nossa tentativa aqui é, em alguma medida, sistematizar parte dessa prática nomeada *Fotografia Preta*, considerando que dialoga com experiências e expressões de tempos e espaços outros, potentes e distintos.

O controle da narrativa é a pretensão de evidenciar o tempo e geografia do intelectual no exercício da provincialidade, instaurando-se, na prática do estudo, pela explicitação do intento de dizer, por meio de ensaio com sequência de *fotografias pretas*, o que se compreende por desejo de brancura e por humanidade. Tal intento se conecta a uma perspectiva de interculturalidade que considera a afirmação da diferença como pressuposto da condição humana. O colonialismo estabeleceu uma negação metódica dos aspectos humanos dos povos subjugados (FANON, 2008) e produziu um processo histórico de assujeitamento na relação entre colonizador e colonizado. Esse assujeitamento reverbera nas relações estabelecidas no presente, como expressão da colonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 2005; WALSH, 2013). Ao observarmos a incidência da colonialidade nos processos formativos individuais e institucionais, perguntamo-nos: como romper com as lógicas do assujeitamento negro na produção do saber? Como algumas práticas – no caso, a fotografia – podem contribuir para a construção do conhecimento protagonizado e controlado por pessoas negras?

Paulo Freire (1989) definiu a leitura como uma prática sociocultural que delinea a forma como podemos compreender o mundo, pois, ao ler, damos continuidade à leitura do outro. Ler o mundo, porém, não exige apenas o domínio da escrita. Homens e mulheres podem ter um imenso caudal de conhecimentos de vida e não dominarem a escrita, mas a oralidade. Da mesma forma, o mundo pode ser compreendido por imagens. A leitura ultrapassa a simples decodificação de uma convenção, que é a palavra escrita nos seus componentes gráficos e fonológicos, mas diz respeito à compreensão, interpretação, atribuição de significados ao texto e ao mundo. A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas pode ser sobreposta por distintas maneiras de escrever e reescrever o que entendemos por mundo e por humanidade. Reescrever pode ser transformar o mundo, através de nossa “prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 13). No caso de uma sociedade estruturalmente racista, transformar o mundo é lutar pela erradicação do racismo pautado pelo desejo de brancura.

Defendemos a *Fotografia Preta* como uma leitura do mundo capaz de contribuir para a formação docente coadunada ao projeto educativo expresso nas Diretrizes Curriculares Nacionais

para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004).

No caso específico do estudo, o controle da narrativa, por meio da *Fotografia Preta*, instaurou-se pelo ato de explicitar aos colaboradores da pesquisa – graduandos em formação docente inicial – as compreensões acerca do fenômeno do desejo de brancura, expressas por intermédio de um ensaio fotográfico com uma sequência de imagens. A imagem produzida intencionalmente foi transformada numa espécie de texto fotográfico sobre o desejo de brancura, lido pelos colaboradores e posto em diálogo na relação investigativa. Esse processo ensejou ser forma e conteúdo, e, pelo relato a seguir, constatamos o seu impacto para um dos partícipes:

[...] a experiência em si, foi bem profunda... Até porque, no contexto acadêmico num geral, não me deixo entregar muito, porque na graduação há um material muito ocidentalizado e eurocêntrico, a graduação inteira é isso. Então, quando chega este material, principalmente que vem de gente preta e que está tentando subverter essa ordem, vem de um jeito bem emocionante. Uma coisa é tu ler um texto bem enquadrado, formatado e que vai ter introdução, metodologia e conclusão. Outra coisa é tu conseguir relacionar tudo o que já sabe através de uma fotografia, por exemplo. Esses materiais audiovisuais têm um dispositivo pedagógico muito bem articulado e que está na intencionalidade de quem criou aquilo. Óbvio, vai bater em cada um de um jeito, mas tendo a articulação, a mediação de quem criou... a teoria por trás da arte fica nítida (Colaborador da pesquisa 1).

Consideramos o efeito da imagem, porém destacamos a liberdade posta no diálogo, a escuta e a fala em condições iguais de negociação, em processo de insurgência ou subversão de uma ordem em geral impositiva de assujeitamento.

A proposição de uma leitura dialogada do mundo, a partir da criação de imagens na qualidade de *Fotografia Preta*, conecta-se com a perspectiva da interculturalidade, tanto na pesquisa quanto na prática pedagógica. Para Adolfo Albán Achinte, autor colombiano que trabalha com indígenas e afro-colombianos na região de Cauca (Colômbia), a criação é fundamental para as práticas pedagógicas interculturais. Para o pensador, “[...] crear o ser creativos no es más que hugar em las profundidades de nuestro próprio ser, desde donde afloran realidades que nos interpelan e interpelan nuestras propias realidades” (ACHINTE, 2013, p. 450).

No presente escrito, tematizamos a fotografia na relação com a pesquisa em perspectiva dialógica intercultural. O controle da narrativa não se opõe à aposta no diálogo e na relação, porém trata de reconhecer as condições de distinção de enunciação de cada um(a). Em casos de sociedades racistas e racializadas, como a brasileira, as assimetrias e hierarquias podem fazer com que o próprio

diálogo não se produza. Achinte e Rosero (2016) tratam exatamente das condições de produção do diálogo. Vejamos seu apontamento:

En torno al relacionamiento aparece naturalizado el discurso del diálogo cultural, es decir, que en tanto las culturas se relacionan, obviamente dialogan. Esta secuencia mecánica presenta el problema de dejar por sentado que el diálogo es suficiente sin tener en cuenta las condiciones de asimetría en las que en muchos casos se produce. En este sentido, lo que vale la pena considerar no es el diálogo *per se*, sino los términos de la conversación. (ACHINTE; ROSERO, 2016, p. 32).

As assimetrias citadas pelos autores se conectam com a fundamentação que Frantz Fanon nos fornece sobre a colonização através da linguagem. Toda vez que revisitamos a obra de Fanon, ficamos com a sensação de absorver algo novo e de que algo sempre nos escapa. Mas o que mais nos convoca é pensar a experiência negra no mundo branco. E a linguagem é um importante elemento no pensamento do autor. Fanon revela a colonização não apenas como uma condição material em que uma população domina a outra. A colonização também subsidia caminhos pelos quais os indivíduos se comunicam e se expressam, produzem cultura, cinema, teatro – e a linguagem é um ponto central em tal relação. Para o autor, “[...] falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). Há uma polissemia do que se pode compreender por linguagem, não restrita ao ato de falar, mas também aos signos e significados presentes em nossos modos de agir, vestir, sentir, valorar.

Como componente da cultura dos povos colonizados, a linguagem contribui para gerar assimetrias nas condições de diálogo. Vejamos:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. 34).

A linguagem escrita e falada são meios pelos quais estabelecemos conversação e expressamos leituras do mundo, e aqui queremos trazer a insurgência pela fotografia como possibilidade de expressão e de diálogo intercultural. Menezes, Bergamaschi e Pereira (2015) apresentam experiências de utilização de imagens em formação com educadores indígenas – Guarani e Kaingang –, destacando a fotografia como forma de compreensão de um fazer que se

dá inclusive em outra língua, colocando-a como ato potente nos diálogos interculturais. Para a autoria,

É imperativo que encontremos outros meios, outras formas que escapem a nossa necessidade constante de compreender, ou seja, de aprender as coisas. O pensamento deve ser invadido pelo Outro para que o diálogo intercultural aconteça, como uma profunda abertura do pensamento ao que é estranho, estrangeiro. (MENEZES; BERGAMASCHI; PEREIRA, 2015, p. 18).

Em nosso estudo, a insurgência se dá como reação ao assujeitamento do negro e protagoniza a criação de sua própria enunciação através do controle da narrativa exercida na produção do diálogo. A seguir, apresentamos a categoria *denegrir* (NOGUERA, 2012), como correlata da *Fotografia Preta*, no intuito de associar forma e conteúdo no fazer investigativo.

2. DESEJO DE BRANCURA E *DENEGRIR* COMO INSURGÊNCIA NA PRÁTICA DE PESQUISA E DE FORMAÇÃO DOCENTE

Denegrir significa “tornar negro”, porém, no senso comum, utiliza-se a expressão “denegrir” para enunciar algo de caráter pejorativo. Ou seja, tornar negro está associado a algo ruim. Quando se faz o exercício de tentar ressignificar a expressão “denegrir”, não se está fazendo um mero joguete semântico, mas, sim, evidenciando uma necessidade do nosso tempo, quando se pensa educação. Tal ressignificar entra em profunda conexão com o projeto da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), que atinge diretamente a política curricular brasileira, em sua perspectiva de equidade e positividade das narrativas sobre as pessoas negras e indígenas, capaz de considerar as diversas formas de pensar, viver e sentir o mundo. Nossa compreensão é apreendida por Renato Nogueira (2012), que explicita *denegrir* como

[...] pluriversalizar as abordagens, revitalizando e regenerando as redes de relacionamentos políticos, econômicos, étnico-raciais, de gênero, exercícios de sexualidade etc. Portanto, *denegrir* tem como alvo o abandono das disputas e controles dos bens materiais e imateriais, visando uma cooperação e construção compartilhada dos poderes. (NOGUERA, 2012, p. 8.).

Para dar visibilidade ao intento de *denegrir* a pesquisa, oferecemos ao leitor a descrição da sequência das imagens, criadas como disparadores metodológicos, para abordar dialogicamente o



desejo de brancura. O ensaio *Desejo de Brancura* consiste numa sequência de fotos que contém uma narrativa sobre como o desejo de brancura atua na infância: há uma criança negra, com o rosto pintado de branco, brincando com uma boneca branca; na continuidade, a criança está limpando o rosto com a ajuda da mãe e, por fim, a criança, com o rosto limpo, brinca com um boneco negro.



FIGURA 1 – DESEJO DE BRANCURA



FONTE: AUTORIA (2019).

Nessa criação, fala-se dos processos de subjetivação que pessoas negras vivem, principalmente no início de suas trajetórias vitais, inspirada na proposição psicanalítica de Isildinha Baptista Nogueira (1998), expressa abaixo:

A mãe negra, como já foi observado, ama seu bebê, mas negra, ao mesmo tempo, o que a pele negra representa, simbolicamente. Tal dualidade vai marcar a experiência do espelho na criança negra, caracterizando seu processo de identificação: coincido com o que, da minha imagem, corresponde ao desejo materno; não coincido com o que, dessa mesma imagem, contraria o desejo materno. (NOGUEIRA, 1998, p. 93).

O racismo se funda e se estrutura na condição universal e essencial da brancura, como única via possível de acesso ao mundo (NOGUEIRA, 1998, p. 88). Insurgir e romper com esse acesso e leitura de mundo é o que ensejamos com os resultados parciais do estudo, que encadeamos na presente escrita.

Ao apresentar o ensaio para um pedagogo em formação inicial, já atuando na educação infantil, ouvimos o seguinte:

A primeira imagem, desse menino negro com o rosto pintado de branco, pensei 'nossa, que forte'. Daí fiquei analisando porque pensei isso, de uma criança com o rosto pintado de branco segurando um boneco branco ser uma imagem forte. Então pensei o quanto essa dinâmica é real no contexto escolar, com crianças pequenas. É algo que está dado mas não explícito dessa forma. Claro, de certa forma eu enxergo porque sou mobilizada por essas questões, mas um outro grupo de professores ou alguém que não lida ou não tem essas preocupações diria: nossa, por que essa criança está com o rosto branco? Nada a ver, um pouco forte né!?

Seriam análises que poderiam ser feitas. Então, a primeira ideia que me dá é do estranhamento, porque não vemos isso de forma nítida, mas isso está dado através das dinâmicas, principalmente na educação infantil. Esse rosto de branco, é como se a tinta estivesse invisível no dia a dia. (Colaborador da pesquisa 1).

Na brilhante tese de doutorado de Isildinha Baptista Nogueira, intitulada *Significações do corpo negro*, há elementos psicanalíticos que ajudam a compreender a constituição psíquica do sujeito negro defronte ao cenário racial imposto. A partir da obra de Jurandir Freire Costa, Isildinha mostra a violência subjetiva à qual o sujeito negro é exposto, uma vez que “[...] um peso insuportável, se impõe ao negro, através de uma ‘norma psico-sócio-somática’, criada e imposta por uma classe dominante branca” (NOGUEIRA, 1998, p. 87) atravessa a constituição psíquica do sujeito negro. Na perspectiva psicanalítica posta por Isildinha, o processo de construção de identidade se dá a partir de uma conjugação entre aquilo que é ofertado nas relações parentais e sociais. Entretanto, para o sujeito negro, há um impeditivo de acesso harmônico a essa conjugação, justamente pelo fato de que a brancura se estabelece como fetiche e como modelo de identificação normativa e estruturante.

O desejo de brancura é o que parece inadmissível a nossos olhos. O desejo do colonizado/negro, de pertencer ao lugar do colonizador, como uma escola ou universidade de maioria branca, com o passar do tempo tende a consolidar um sentimento de não pertencimento a esse local. Contudo, é inegável que estar nesses espaços afeta o sujeito, a tal ponto de também se

sentir alheio, como não pertencendo, ao local de suas origens. Fica-se com a sensação de ocupar um lugar híbrido, e argumentamos aqui que podemos depositar, na relação com a linguagem, parte desse lugar híbrido. Como diz a música “Negro Drama”, do grupo de rap Racionais: “Aí, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão? ”. Mesmo que se possua um linguajar e um jeito de agir, minimamente adaptado, o “gueto”, para os Racionais, ou a “Selva”, para Fanon, sempre marcarão o lugar de onde viemos. Pensemos, com Frantz Fanon, através desta escrita, a possibilidade de insurgência pelas perguntas:

Que quer o homem?
Que quer o homem negro?
(FANON, 2008, p. 26).

Frantz Fanon (2008) questiona qual seria o desejo da pessoa negra, e ele próprio responde: o homem negro quer ser humano. Considerando o que já foi exposto, para a pessoa negra em diáspora, o desejo de ser humano pode ser traduzido por um desejo de brancura. Em menor ou maior grau, o desejo de brancura afetará toda pessoa negra em diáspora africana no Brasil. Desde o início de seu desenvolvimento, a pessoa negra sofre com a experiência de estar num mundo branco, onde “ser humano” é ser a brancura propriamente dita. Quanto mais próximo da brancura, mais próximo da humanidade. A partir dessa relação com o mundo, as ações da pessoa negra estarão afetadas pelo desejo de brancura: o modo de falar, de se portar e até com quem se relacionar.

Trazendo para contemporaneidade, temos uma inclinação em pensar o movimento negritude e seu “essencialismo” como uma forma de proteção ao mundo branco e ao desejo de brancura. Todavia, quando percebemos os limites desse movimento, uma alternativa seria o que se chama de “identidade fluida”, capaz de perpassar por diferentes espectros da cultura, constantemente se reinventando. O perigo dessa “fluidez” é justamente ser capturada pelo desejo de brancura. Vejamos como ela se relaciona com o racismo no Brasil, segundo Abdias Nascimento:

A noção comum de racismo como um fenômeno relativo apenas à cor da pele escamoteia sua natureza mais profunda, que reside na tentativa de desarticular um grupo humano por meio da negação de sua própria existência e de sua personalidade coletiva. Reduzir os africanos e seus descendentes à condição de negros, identificados apenas pela epiderme, retira deles o referencial histórico e cultural próprio. Assim sua própria condição humana é roubada. (NASCIMENTO, 2019, p. 30).

Pensamos não existir uma resposta definitiva ante as muitas questões colocadas, todavia, isso não é impeditivo de apostas. Nesse sentido, apostar no processo coletivo, entre sujeitos negros, é um caminho possível como resgate e/ou para forjar a própria humanidade. Buscar múltiplas possibilidades de existir enquanto sujeito negro, tendo os devidos cuidados para, de um lado, não criar condições estratificadoras, e, de outro, não ser capturado pelas forças hegemônicas. Em suma, essas são algumas das questões que sustentam a *Fotografia Preta* como insurgência.

Trazemos um último excerto do diálogo construído no estudo:

São imagens muito bonitas, a criança limpando o rosto, tirando essa máscara branca. Mas a primeira coisa que pensei é: por quê? Porque essa criança está tirando a pintura branca, essa máscara branca. E, obviamente, falando do meu local, fiquei pensando no que poderia ter acontecido para essa criança tirar a máscara branca. E penso muito nisso a partir da imagem a seguir, que a criança ajuda a tirar a máscara da mãe, que também está com o rosto pintado de branco. Pensei que muitas vezes as instituições escolares propagam e reforçam o racismo e muitas crianças acabam tendo esse contraponto de afirmação étnica dentro de casa. Até mesmo através da religião, por serem de terreiro e crescerem em mesa de Ibeji, crescerem nesse contexto e chegando na escola acabam afirmando isso. Mas, nessa sequência (de fotos), a criança aparece limpando o rosto da mãe, fiquei pensando em quais os motivos para isso. Nisso, pensei na questão da escola e, pegando muito a minha realidade, eu como uma mulher negra acabo sendo muito referência para crianças num contexto escolar. (Colaboradora da pesquisa 2).

Aqui, o diálogo incide sobre a insurgência, o rompimento com a máscara branca, que se faz pelo processo de humanização do sujeito na relação com seus pares, também com os professores negros nas instituições de ensino. Igualmente o colaborador 1 traz a questão da insurgência pela ancestralidade, pelo jeito próprio de viver, pela perspectiva de ser o que se é, fechando os olhos e contemplando a beleza do que se é: preto! “Até me emocionei... A primeira coisa que me bateu na primeira foto ali foi a ancestralidade, a coletividade... Que não estamos sozinhos” (Colaborador da pesquisa 1).

Finalizaremos com algumas considerações acerca da educação desde uma perspectiva intercultural, capaz de afastar-se da lógica homogeneizadora da cultura e dos sujeitos, renunciando à brancura como modelo e desejo de único ser humano, pois argumentamos por uma interculturalidade capaz de “tornar a cultura algo aberto, que se ressignifica no diálogo” (MENEZES; BERGAMASCHI; PEREIRA, 2015, p. 18).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à vida, à dança, à sabedoria. Falo de milhões de homens a quem inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a genuflexão, o desespero, o servilismo. (CÉSAIRE, 1978, p. 25-26).

Aimé Césaire é uma liderança fundamental no debate sobre a negritude, embora ele mesmo considere que a compreensão do colonialismo seja central para a criação de novos projetos humanitários. Arrematamos nossa escrita com a ideia de que qualquer projeto educativo é um projeto de humanidade e de civilização. Na perspectiva intercultural, o diálogo simétrico com a intelectualidade negra é fundamental e se faz pela interação com os saberes emancipatórios construídos no movimento social negro.

Nossa escrita fundamentou o termo cunhado como *Fotografia Preta*, definida como método de produção de dados e conteúdo educativo na formação docente, apresentando resultados parciais de uma pesquisa em conclusão, atinente ao grau de mestrado em Educação. Debatemos o desejo de brancura em sociedades colonizadas e racializadas, consoante uma interação dialógica por meio da fotografia inspirada na categoria *denegrir* (NOGUERA, 2012).

Concluiremos destacando a categoria humanidade contraposta à experiência do racismo no Brasil, demarcando a perspectiva ética e emancipatória das lutas do movimento negro e das pessoas negras em movimento (GOMES, 2017).

Nilma Lino Gomes (2017) apreende o movimento negro como um agente educador atuante nos mais diversos níveis: escolas, Estado, famílias, comunidades, relações humanas, produção de conhecimento científico etc.

As tensões provocadas pelo próprio movimento negro podem, é verdade, gerar educação das relações raciais, mas também podem provocar um recrudescimento de posturas e pensamentos conservadores. Daí surge a necessidade de elaborar-se múltiplas estratégias, de inventar e reinventar-se. E é no diálogo, entre educação, relações raciais e arte (mais especificamente fotografia), que vislumbramos uma possibilidade de reinvenção e novas estratégias às práticas educacionais. A relação com a produção fotográfica negra, neste trabalho, não tem uma função limitada à apreciação. Atua diretamente na transformação social. Pensemos sobre a produção cultural brasileira, a partir das provocações de intelectuais, como o poeta Cuti (1995, p. 207):

A constituição do imaginário de uma população é feita especialmente pela produção cultural. Nesta, as formas mais eficazes encontram-se no campo das artes, porque manipulam não apenas os aspectos racionais das relações humanas,

mas também os emocionais. O imaginário racista da população brasileira vem sendo alimentado há séculos por uma arte que, no tocante às relações interraciais, é alienada. Ela é a responsável por não enfrentar o fantasma do racismo, que de fantasma só tem a técnica do disfarce, pois é muito prático. Há toda uma produção que apresenta o Brasil como um país de pura harmonia racial. Nenhum estranhamento, como se estivéssemos em um país de pessoas cuja diferença fenotípica nada representasse. É a técnica do silêncio.

A fotografia, como criação cultural, é potente para desnudar o véu do racismo. Além de ajudar em processos de ressignificação da existência negra, a imagem tem o potencial de propor o diálogo intercultural quando em condições simétricas de enunciação. O estudo fez-se a partir da criação de imagens que aqui chamamos de desestabilizadoras, imagens que provocam e desacomodam. É na tensão dessa desestabilização, com o conteúdo teórico das relações raciais, que pensamos o processo de educação. Inspirados em Gomes (2017, p. 62), lembramos que

[...] conflito serve, antes de tudo, para tornar vulnerável e desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano, que por via deles e da iniciativa humana a eles referida, foi indesculpavelmente causado.

É apostando na não cisão entre a razão e a visceralidade que prospectamos experiências educacionais/pedagógicas capazes de insurgir e romper com a lógica hegemônica já apontada. Tal lógica atinge mentes e corpos no mundo prático da vida, na qualidade de sujeitos históricos e corpóreos no mundo. Nesta compreensão, “o corpo negro não se separa do sujeito” (GOMES, 2017, p. 98) e se produz coletivamente. Há uma composição de individualidade que se anuncia na pessoa, mas também se inscreve na comunidade.

Considerando a íntima relação entre a intelectualidade, o corpo e principalmente a narrativa acerca desta conjugação, vislumbramos uma possibilidade de educação emancipatória no que tange às relações étnico-raciais. A *Fotografia Preta* surge justamente a retratar o corpo negro num lugar capaz de provocar tensionamentos e assim imprimir ainda mais complexidade para os saberes sobre as relações raciais em nosso país. Aqui não pretendemos colocar um ponto final no diálogo, mas construir mais uma página neste rico, complexo e coletivo campo de saber que é a Educação em perspectiva Intercultural e Decolonial.

REFERÊNCIAS



ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la re-existència: artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine (Org.) **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)viver. Quito-Ecuador: Abya Yala, 2013. p. 443-468.

ACHINTE, Adolpho Albán; ROSERO, José R. Colonialidad de la naturaleza: ¿imposición tecnológica y usurpación epistémica? Interculturalidad, desarrollo y reexistencia. **Nómadas**, Bogotá, Universidad Central Colombia, v. 45, p. 27-41, out. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 003/2004 de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 maio 2004.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Prefácio de Mário de Andrade. Sá da Costa Editora: Lisboa, 1978.

CUTI (Luiz Silva). Quem tem medo da palavra negro? **Revista Matriz**, Porto Alegre, 1995.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GOMES, Nina Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Favor Fechar os Olhos**: em busca de outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021.

MENEZES, Magali Mendes; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; PEREIRA, Mateus da Silva. Um olhar sobre o olhar indígena e suas escol(h)as. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, Tempe, Arizona State University, v. 23, n. 97, 2015.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Terceira edição. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** – RESAFE, Brasília, n. 18, p. 62-73, out. 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.



RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

WALSH, Catherine (Org.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)viver**. Quito-Ecuador: Abya Yala, 2013.